

Um dia inesquecível para o brasiliense

Terça-feira, dia 23 de abril de 1985, até às 12h30min, será um dia em que os brasilienses jamais esquecerão. Foram os últimos momentos onde o presidente Tancredo Neves pisou o solo da Capital brasileira. Deixaram seus afazeres, seus problemas mesmo de ordem financeira, saúde para prestarem a última homenagem. Alguns impedidos pelo trabalho nas empresas privadas acompanharam na televisão, no rádio, a celebração eucarística no Palácio do Planalto, a partir das 8 horas, que reuniu autoridades nacionais e estrangeiros.

As pessoas que lá compareceram, por cerca de 1.000, demonstravam em suas feições uma tristeza, um inconformismo com o desfecho do grande político e líder da Nova República. Uns procuravam ficar o mais perto possível dos cordões de isolamento, outros preferiam se distanciar amparando-se em postes, ou sentando no chão.

Manifestando-se de várias formas cantavam, falavam palavras de ordem, carregavam faixas, cartazes, retratos do presidente. Tudo isso demonstrava um carinho com um ente querido que deixou o convívio dos mortais.

«Depois de Juscelino, agora ele. É muito triste, moro em Brasília desde 1959, ajudei a construir essa cidade e, hoje, presencio esse quadro lamentável». Assim, desolado, José Maurício, de 56 anos, chegou à Praça dos Três Poderes às 6 horas da manhã mas não conseguiu ver o corpo do presidente. «Mas vou até o aeroporto, se Deus quiser».

Durante a espera de quase três horas, sendo meros espectadores, os populares mantendo um silêncio às vezes interrompido por grupos cantando músicas religiosas, ou a conhecida «Peixe Vivo», e até mesmo, pegos de surpresa com acidente da queda da armação de ferro, nada tirava a atenção voltada para o que acontecia lá dentro.

De 10 em 10 minutos ouviam-se salvas de canhão, quebrando assim um certo marasmo, no local. Finalmente, por volta das 11 horas foi anunciado o fim da solenidade. A curiosidade aumentou com o desejo de ver o esquife na descida da rampa do Palácio do Planalto. Das janelas estavam funcionários que também acompanhavam a saída. No térreo do Palácio tinham de ponta a ponta corbelas de flores enviadas ao presidente num gesto de condolências.

Depois que os Dragões da Independência se posicionaram na rampa, chegaram ônibus da Presidência da República para transportar as autoridades, quando foram vaiados pelos populares que exigiam a saída: «Saiam, deixe eles irem a pé», porque tiravam a visão.

Exatamente quando o corpo foi instalado no Urutu as pessoas manifestaram-se com salvas de palmas, punhos cerrados ao alto, acenos de mãos e lenços brancos, não se contendo choravam e gritavam: «O povo unido jamais será vencido».

Convulsivamente, Sônia, funcionária do Ministério da Educação, chorava inconformada: «Por que Deus levou você, vá com Deus seu presidente, descansar em paz. Para nós funcionários públicos foi uma grande perda. Ele faria tantas coisas por nós, como vamos ficar?».

Dona Maria José e seu marido Orlando, juntos, não se controlavam chorando, balbuciavam o Hino Nacional. Uma emoção tomava conta de Dona Neusa e Dona Fátima, vendedoras de milho, que caminhando lentamente, choravam na despedida do presidente.

Numa corrida de querer acompanhar o trajeto até os palanques, montados do Ministério da Justiça em diante, muitos reclamavam que não estavam vendo nada. Lúcia, professora do 2º grau, saiu indignada: «Só Brasília. O povo veio desde cedo para acompanhar e então vê uma cerimônia ligada somente à elite: ministros, embaixadores, e o povo oprimido, não podendo ver e muito menos acompanhar. Na chegada do presidente, no Eixo, foi aquela coisa horrível — a 60 km por hora — e na saída isso».



Emocionada, a população deixou seus afazeres do dia-a-dia para a última homenagem a Tancredo

Flávio Thadeu